



Prova Literacia de Leitura – fase 2

1. Lê o excerto da banda desenhada da coleção «As aventuras de Tintim», constituído por nove vinhetas (cada um dos quadrados ou retângulos numa banda desenhada).

O TESOURO de *RACKHAM, O TERRÍVEL*



(*) Ver "O Segredo do Licorne".

①

Assinala como verdadeira (V) ou falsa (F) cada uma das afirmações.

- O nome do café parece ter sido escolhido devido não só à clientela que o frequenta, mas também ao local onde se encontra.
- O texto só nos fornece a indicação do nome de uma das personagens que dialogam.
- De uma das personagens, é possível ficar a conhecer as funções que desempenha a bordo.
- A partir da leitura do texto, é possível ficar a saber o nome de um tipo de embarcação.
- O pirata Rackham também ficou conhecido com o apelido de Alphonse.

2. Selecciona a opção correta.

Em qual das vinhetas é possível perceber que as duas personagens que dialogam já se conhecem?

- (A) Vinheta número 2
- (B) Vinheta número 4
- (C) Vinheta número 5
- (D) Vinheta número 3

3. Selecciona a opção correta.

A nota (1) que aparece na vinheta número 6 indica que no fim da página se refere

- (A) o título do livro da coleção que narra essa história.
- (B) o segredo descoberto por Tintim e por Haddock.
- (C) o nome do barco que pertencia ao pirata Rackam.
- (D) o esclarecimento do enigmático caso Pardal.

4. Selecciona a opção correta.

Ao perguntar «Que história é essa?» (vinheta número 7), a personagem

- (A) mostra-se surpreendida.
- (B) revela incompreensão.
- (C) expressa o seu desagrado.
- (D) pretende fazer um convite.

5. Selecciona a opção correta.

Um leitor do texto afirmou: «Sirius e Arrastão são dois nomes de navios referidos no texto.». Que dirias a esse leitor?

- (A) Que substitua Arrastão por Licorne.
- (B) Que leu bem o texto.
- (C) Que substitua Sirius por Van Damme.
- (D) Que acrescente Haddock.

6. Selecciona a opção correta.

A partir de que vinheta se percebe que há alguém interessado em ouvir a conversa?

- (A) Vinheta número 3
- (B) Vinheta número 5
- (C) Vinheta número 2
- (D) Vinheta número 6

7. Num dicionário, cada palavra constitui uma entrada lexical, para a qual é fornecida informação sobre, entre outros aspetos, as várias aceções ou sentidos dessa palavra.

Lê a entrada lexical de «tesouro», para a qual são apresentadas 10 aceções.

tesouro [tə'zo(w)ru] *nome masculino* **1** amontoado oculto de dinheiro, joias ou objetos preciosos de cujo dono não haja memória; **2** lugar onde se guardam esses objetos; **3** conjunto de bens valorizados pela sua importância cultural; património; **4** [figurado] aquilo que constitui um repositório de saberes e de cultura; **5** [figurado] coisa considerada muito valiosa; **6** [figurado] pessoa de grandes qualidades; **7** [figurado] origem de bens, graças ou virtudes. Do grego *thesaurós*, «idem», pelo latim *thesauru-*, «idem» **tesouro público.** **8** recursos financeiros do poder público; **9** repartição pública onde se conservam e administram esses dinheiros públicos; **10** administração que gere esses rendimentos.

Grande Dicionário da Língua Portuguesa, Porto, Porto Editora, 2010 (adaptado).

Escreve, à frente de cada uma das afirmações seguintes, o número (de 1 a 10) da aceção correspondente.

- A) As obras em estilo Manuelino fazem parte no nosso tesouro artístico. _____
- B) A liberdade é um dos nossos mais valiosos tesouros. _____
- C) Cada biblioteca é um tesouro. _____
- D) O explorador encontrou a arca do tesouro. _____
- E) Os vegetais e os minerais são o tesouro da terra. _____
- F) O ministério das finanças administra o tesouro do país. _____
- G) A ajuda que a todos prestava era a prova de que aquela pessoa era um tesouro. _____

8. Os segmentos A a F são partes do texto «Ouro Afegão», mas estão desordenados.

Ouro Afegão

A - Devido a essa suspeita, após meses de formalidades, no passado mês de abril, formou-se uma equipa para abrir os cofres. Uma vez que as chaves tinham desaparecido, um trabalhador da equipa utilizou um martelo, um pé-de-cabra e depois uma serra elétrica no primeiro cofre.

B - Em 1978, arqueólogos soviéticos depararam com o achado das suas vidas: seis túmulos carregados com ouro dos nómadas da Bactria, antiga região na Ásia Central, que inclui, atualmente, entre outros países, o Afeganistão.

C – Íamos, por fim, poder abrir o tesouro! Um a um, os cofres revelaram cerca de 20 mil objetos brilhantes do tesouro que se julgava perdido!

D – Em agosto de 2003, já com o governo interino de Hamid Karzai em exercício, descobriram-se seis cofres fechados numa cripta de Cabul. Suspeitou-se de imediato que continham o ouro da Bactria.

E – Enviaram o tesouro para Cabul, capital do Afeganistão, mas, enquanto o caos se espalhava devido à guerra, o tesouro de valor incalculável desapareceu.

F – As fagulhas voaram no meio de uma multidão ansiosa da qual fazia parte Viktor Sarianidi, o primeiro a descobrir as sepulturas da Bactria, e o ministro da Cultura, Sayed Raheen. Também eu lá estava, em nome da National Geographic Society, que acordara em inventariar os achados.

Fredrik Hiebert, «Ouro Afegão», National Geographic, dezembro de 2014 (adaptado)

Escreve em cada um dos espaços a letra que corresponde à ordem correta dos segmentos.
O segmento D já está colocado corretamente na terceira posição.

_____ D _____

Lê o texto:

Museu do Dinheiro

O Museu do Dinheiro aborda o tema do dinheiro, a sua história e evolução, em Portugal e no mundo, e fica situado na Antiga Igreja de S. Julião, no largo de S. Julião, em Lisboa. Na visita ao museu, o visitante pode escolher o que mais lhe interessa de entre um conjunto de oficinas com propósitos diversos.



Dinheiro metálico – narrativas ocultas

Há milhares de anos, os metais revolucionaram a história das civilizações. Do cobre ao ouro, a sua constante busca definiu mentalidades e ideologias e construiu diferentes paradigmas de desenvolvimento político, económico e comercial. Mas como foram esses recursos descobertos e explorados? Qual o seu contributo para a história do dinheiro como medida de valor, e de que forma o seu fascínio inspirou lendas e narrativas?

E hoje, será que os metais mantêm a importância de outrora? A sua exploração é sustentável?



Princesas de Portugal, Rainhas da Europa

As princesas são tesouros tão preciosos que até moeda de troca foram... Quando se casavam, levavam o «dote», uma «arca» de bens muito valiosos, para oferecer ao noivo!

Mas há princesas e princesas! Nesta visita ao museu, vamos apresentar quatro: Leonor de Portugal, Isabel de Portugal, Catarina de Bragança e Maria Bárbara de Bragança, princesas que chegaram a ser Rainhas porque se casaram com reis de outros países.

Será que as suas vidas foram um mar de rosas? Guerreiras, sábias, espias, mães... eis alguns dos atributos das mulheres que representaram Portugal, e que nem sempre foram felizes para sempre! A propósito de um livro e de algumas moedas, vamos contar as suas histórias.



Oficina de Notafilia¹: ilustração, a arte nas notas

Composta por quatro sessões, esta oficina propõe a apresentação e debate de conteúdos e experiências sobre os princípios básicos da Notafilia, sobretudo portuguesa.

Com base na exposição do Museu e na análise de imagens, inscrições, símbolos e documentos, os participantes descobrem e sentem nas suas mãos a riqueza histórica e cultural que cada nota encerra. As sessões são temáticas.

Sessão 1: Origem da nota e terminologia² básica

Sessão 2: Fabrico: temas, suportes e métodos de impressão

Sessão 3: Classificação: manuseamento e conservação preventiva

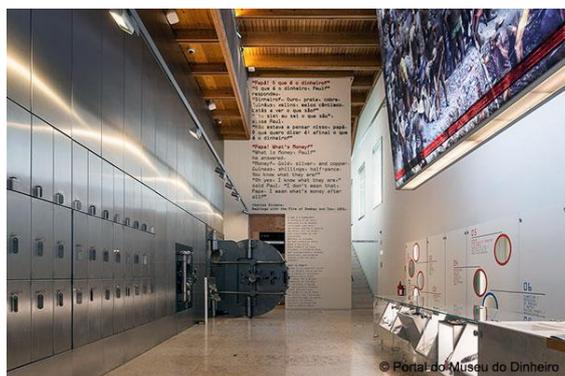
Sessão 4: Ilustração: a arte nas notas



© Portal do Museu do Dinheiro

Segredos, Cofres e Casas-fortes

Barras de ouro, joias e sacos de dinheiro guardam-se em cofres e casas-fortes, que fazem parte do nosso imaginário, desde a banda desenhada ao cinema. Mas o que existe de tão especial nestas magníficas obras da engenharia? Nesta oficina, aprende-se a descodificar, abrir e descobrir segredos, desvendam-se códigos e mecanismos dos cofres mais antigos aos mais tecnológicos! Mas o mais difícil é mesmo dizer a palavra CLAVICULÁRIO³. Queres experimentar?



<https://www.museudodinheiro.pt> (consultado e adaptado em 10/01/2018).

VOCABULÁRIO

1. *notafilia* – pesquisa e estudo sobre as notas.
2. *terminologia* – lista e definição dos termos usados.
3. *claviculario* – chaveiro, guarda-chaves.

9. Depois de ler o texto sobre o Museu do Dinheiro, a Teresa ficou com dúvidas sobre o que se pretende em cada uma das oficinas. Dá-lhe uma ajuda. Consulta o texto e assinala qual o propósito fundamental de cada oficina, selecionando a resposta correta.

A) Na oficina *Dinheiro metálico – narrativas ocultas*, _____

B) Em *Princesas de Portugal, Rainhas da Europa*, _____

C) Na *Oficina de Notafilia*, _____

D) Em *Segredos, Cofres e Casas-fortes*, _____

Opções:

Espaço 1 - é discutida a importância dos metais na evolução da sociedade., inventam-se narrativas sobre o poder oculto do dinheiro.

Espaço 2 - viaja-se pela História, através da leitura e da observação de moedas., narra-se um conto sobre o dote de princesas portuguesas aos reis.

Espaço 3 - aprende-se a conhecer o simbolismo que cada nota contém., aprende-se a fabricar, organizar e ilustrar notas portuguesas.

Espaço 4 - aprende-se como no cinema são descobertos os códigos dos cofres., experimentam-se segredos, códigos e mecanismos dos cofres.

Lê o texto:

Quartelmar, o capitão John e Henrique, que é barão de Curtis, organizaram uma expedição para encontrar os tesouros guardados pelo rei Salomão. Quartelmar, o narrador da história, conhecia a sua localização, porque um português lhe dera um papel com as indicações que um antepassado, D. José da Silveira, deixara sobre como lá chegar.

Descobre o que aconteceu.

As Minas de Salomão

Durante um momento, olhámos vagamente em redor, num silêncio apavorado. À luz débil e mortíça da lâmpada só percebemos, ao princípio, que o quarto ou câmara era escavado na rocha viva. Depois, de um dos lados, vimos distintamente alvejar, sobrepostas em camadas até à abóbada, uma porção imensa de dentes de elefante, de inigualável riqueza. Haveria talvez uns quinhentos ou seiscentos dentes. Só aquele marfim nos poderia tornar a todos ricos para sempre. Era desse espantoso depósito que Salomão fizera talvez o «grande trono de marfim», de que falam os Livros Santos! Toquei num dente ao de leve, depois outro, com veneração, como relíquias sagradas! E o suor caía-me em bagas.

– Ali estão os diamantes – gritou John. – Trazei a luz!

Corremos para o recanto que ele indicava. E a lâmpada que o barão baixara mostrou umas dez ou doze caixas de madeira, estreitas e muito compridas, pintadas de escarlate¹. A tampa duma, tão antiga que mesmo naquele ar seco da caverna tinha apodrecido, apresentava vestígios de arrombamento. Pelo menos no meio havia um buraco. Enterrei a mão através e tirei-a cheia, não de diamantes, mas de moedas de ouro, como nós nunca víamos, com letras hebraicas² (ou que julgámos hebraicas) e palmeiras e torres em relevo no cunho.

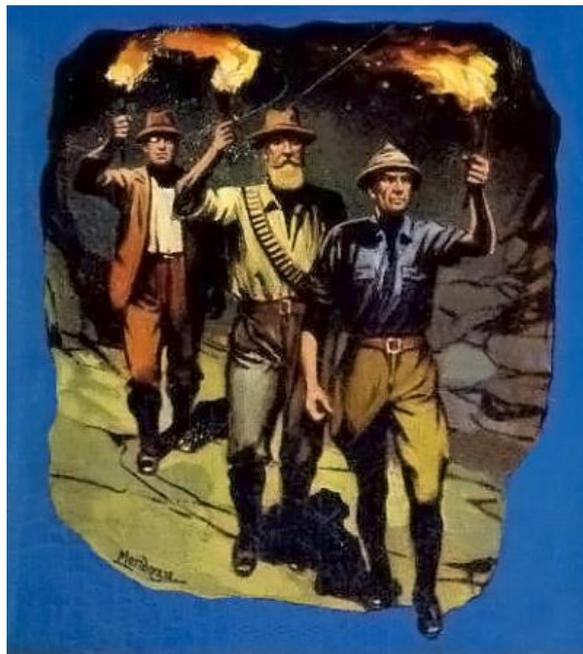


Ilustração de Walter Paget (para capa de *As Minas de Salomão*)

– Justos Céus! – murmurei, sufocado. – Aqui devem estar milhões! Isto nem se acredita!... Naturalmente era o dinheiro para pagar férias³ aos mineiros... Estaremos nós a sonhar?

– Mas os diamantes – exclamava John, percorrendo sofregamente o quarto. – Onde estão, por fim, os diamantes? Só se o português os meteu todos no saco!

Era além, no recanto escuro? Para lá corremos, sondando com a lâmpada.

– Aqui, rapazes! – gritou John, na maior excitação.– Aqui. Oh, meu Deus! São três arcas de pedra!

E eram! Eram três arcas de pedra que nos davam pela cintura, ocupando os três lados duma espécie de alcova⁴ tenebrosa. Duas estavam fechadas com imensas tampas de pedra. A tampa da terceira estava encostada à muralha. Baixámos a lâmpada para dentro. Não pudemos distinguir nada ao princípio, deslumbrados com a vaga refração⁵ prateada que faiscava e tremia. Quando os olhos se habituaram àquele brilho estranho, vimos que a arca imensa estava cheia até ao meio de diamantes brutos! Mergulhei as mãos neles. Com efeito! Eram diamantes. Uma arca cheia de diamantes! Não havia dúvida! Bem lhes sentia eu entre os dedos aquele macio especial que em Kimberley, nas minas, chamam *sabonáceo*⁶! Era uma arca cheia de diamantes!

Rider Haggard, *As Minas de Salomão*, tradução de Eça de Queirós, Lisboa, Europa-América, s.d. (texto com supressão).

VOCABULÁRIO

1. *escarlata* – cor vermelha muito viva.
2. *hebraica* – judaica; relativa aos judeus.
3. *férias* – salários.
4. *alcova* – câmara; cela.
5. *refração* – mudança de direção que sofre uma onda luminosa ao passar de um meio para outro.
6. *sabonáceo* – que tem uma textura semelhante ao sabão.

10. Selecciona a opção correta.

Qual das seguintes opções corresponde à sequência das descobertas efetuadas pelos exploradores?

(A) Camadas de dentes de elefante; caixas vermelhas de madeira; avultada quantidade de moedas; três arcas com diamantes.

(B) Camadas de dentes de elefante; trono de marfim de Salomão; caixas vermelhas com moedas hebraicas; arcas com diamantes.

(C) O monte de marfins brancos; relíquias sagradas em ouro; caixas escarlates com moedas; três arcas de diamantes.

(D) O monte de marfins brancos; Livros Santos de Salomão; saco de diamantes do português; arcas com diamantes.

11. Selecciona a opção correta.

A câmara em que os exploradores iniciam a busca é um espaço

- (A) estreito, comprido e com acesso difícil.
- (B) amplo, silencioso e com ar seco.
- (C) húmido, com luz artificial e acesso fácil.
- (D) acanhado, húmido e com luz natural.

12. Selecciona a opção correta.

No primeiro parágrafo, o narrador confessa que «o suor» lhe caía «em bagas», porque

- (A) o ambiente sombrio da câmara lhe causava grande inquietação.
- (B) o esforço que despendera a escavar a rocha fora tremendo.
- (C) a visão daquele tesouro lhe provocara uma grande comoção.
- (D) a imagem das camadas de dentes de elefante lhe inspirava pavor.

13. Selecciona a opção correta.

Ao atribuir uma origem às letras que figuravam nas moedas, o narrador mostra

- (A) desconhecer as letras do antigo alfabeto hebraico.
- (B) ter algumas dúvidas acerca dessa mesma origem.
- (C) estar certo da informação que transmite ao leitor.
- (D) querer corrigir a primeira informação por ser falsa.

14. Selecciona a opção correta.

Qual o par que refere a sensação visual e a sensação tátil associadas à descoberta do tesouro mais valioso?

- (A) «refração prateada» e «sabonáceo»
- (B) «refração prateada» e «em relevo no cunho»
- (C) «luz débil e mortíça» e «macio especial»
- (D) «distintamente alvejar» e «macio especial»

15. Selecciona a opção correta.

Quais são as pistas que, no texto, indicam aos leitores que já outros exploradores haviam penetrado no interior das minas de Salomão?

- (A) A existência de vestígios de arrombamento em uma das caixas e a referência ao «saco do português».
- (B) A referência ao facto de os dentes de elefante chegarem até à abóbada e o facto de a terceira arca estar apenas meio cheia.
- (C) A existência da tampa apodrecida de uma caixa e a referência às imensas tampas que protegem duas das arcas.
- (D) A existência de uma caixa com moedas dos mineiros e a inscrição numa arca da referência às minas de Kimberley.

16. Selecciona a opção correta.

Depois de descoberto o tesouro, qual será a maior dificuldade que os exploradores terão de enfrentar?

- (A) Conseguir fazer o transporte das riquezas para a superfície devido ao peso elevado e ao enorme volume que as caracteriza.
- (B) Regressar à entrada da caverna, uma vez que o trajeto que percorreram desde a descoberta dos dentes de elefante era labiríntico.
- (C) Resistir às condições climatéricas da caverna, pois o ar húmido impede-os de permanecerem muito tempo no seu interior.
- (D) Dividir de forma igualitária os fabulosos achados, pois parecia-lhes impossível proceder a uma contagem rigorosa das peças.

17. Selecciona a opção correta.

Qual das hipóteses seguintes corresponde à continuação do texto?

- (A) «Ficámos, mudos, olhando uns para os outros. À frouxa luz da lâmpada eu via as faces dos meus amigos perfeitamente lívidas. E não havia em nós nenhuma alegria. Era um torpor, como se a alma nos ficasse bruscamente esmagada, sob a fabulosa infinidade daquela riqueza.»
- (B) «Estava enfim aberto, para nós nele penetrarmos, o caminho que levava aos tesouros de Salomão. A emoção foi tão intensa que eu, por mim, comecei a tremer. Era pois verdade o que dizia, no seu pedaço de papel, o velho D. José da Silveira? Estavam pois ao nosso alcance, destinadas a nós, as maiores riquezas jamais vistas na Terra?»
- (C) «Durante uma hora, ou mais, passámos assim apalpando todos os cantos, até que o barão e eu desistimos, esfalfados, e todos pisados de ter constantemente batido com a cabeça nos muros, nos dentes de elefante, e nas esquinas das arcas.»
- (D) «De sorte que nos agachámos de novo junto dos cofres cheios de diamantes, naquela horrível inação que era um dos nossos maiores tormentos. E eu, então, cedi ao desespero. Deixei cair a cabeça no ombro do barão e desatei a chorar. Do outro lado, o pobre John soluçava também.»

Lê o texto:

Solar de Braley – Yorkshire

Meu caro Quartelmar.

Só algumas breves linhas para lhe dizer que meu irmão Jorge, John e eu chegámos a Inglaterra todos três perfeitamente. Apenas deixámos o pacote¹, em Southampton, partimos logo para Londres pelo primeiro trem. Não imagina o Quartelmar que elegante nos apareceu logo na manhã seguinte o nosso John.

E agora quanto a negócios. Levámos os diamantes aos melhores joalheiros de Londres, aos Streeter. Quase tenho vergonha de dizer em quanto eles os avaliaram. É uma soma descomunal². Está claro que eles não podem dizer com exatidão, porque nunca apareceram no mercado pedras deste tamanho em tal quantidade. Enquanto a comprá-los eles, está fora de questão. Apesar de ser uma casa forte, não poderia nunca reunir semelhantes somas. Aconselharam-me que os vendesse em pequenos lotes, a diferentes joalheiros, e devagar, para não inundar o mercado. Um desses lotes, o que o Quartelmar tão generosamente reservou para meu irmão, estão eles todavia resolvidos a comprar por cento e oitenta mil libras.

O que o Quartelmar deve fazer, agora, que está rico, é vir para Inglaterra e comprar uma propriedade ao pé da minha. O melhor seria vir imediatamente para passar comigo este Natal. Tenho cá por essa ocasião o nosso John. A respeito de seu filho Henrique, posso dizer que está bom. Esteve aqui uns dias comigo a caçar. Gosto dele. Pregou-me uma carga de chumbo numa perna, extraiu ele próprio os chumbos, e provou-me depois a vantagem de haver sempre, em todas as partidas de caça, um estudante de medicina.

Venha, pois, velho amigo, e creia-me sempre seu

Henrique Curtis

Rider Haggard, *As Minas de Salomão*, tradução de Eça de Queirós, Lisboa, Europa-América, s.d.

VOCABULÁRIO

1. *paquete* – navio de passageiros para rotas oceânicas.
2. *descomunal* - enorme, grandiosa.

18. Selecciona a opção correta.

A carta que leste está relacionada com a expedição às minas de Salomão. Quando foi escrita a referida carta?

- (A) Durante a viagem para Southampton.
- (B) Antes do início da expedição às minas.
- (C) Quando H. Curtis regressou da expedição.
- (D) Durante a viagem de trem para Londres.

19. Selecciona a opção correta.

Ao redigir a carta, onde se encontrava o seu autor?

- (A) Em Londres.
- (B) Junto dos Streeeter.
- (C) Junto de Southampton.
- (D) Em Yorkshire.

20. Selecciona a opção correta.

A expressão «só algumas breves linhas» indica que

- (A) a carta é um texto escrito apressadamente.
- (B) o autor antecipa uma carta pequena e concisa.
- (C) o autor vai enviar uma mensagem telegráfica.
- (D) a carta a enviar é um rascunho informativo.

21. Selecciona a opção correta.

O autor da carta confessa um sentimento de vergonha porque

- (A) o valor dos diamantes era muito alto.
- (B) os diamantes tinham sido roubados.
- (C) os joalheiros não eram de confiança.
- (D) se tratava de um grande negócio ilegal.

22. Selecciona a opção correta.

Na expressão «Enquanto a comprá-los eles,» (quarto parágrafo)

- (A) «los» refere-se aos negócios e «eles» aos diamantes.
- (B) «los» refere-se aos os diamantes e «eles» aos joalheiros.
- (C) «los» refere-se aos joalheiros e «eles» aos diamantes.
- (D) «los» refere-se aos negócios e «eles» aos joalheiros.

23. Selecciona a opção correta.

De acordo com os joalheiros consultados,

- (A) os diamantes deveriam ser vendidos em conjunto e muito rapidamente.
- (B) a venda dos diamantes deveria ser lenta, em lotes e a vários joalheiros.
- (C) a venda de diamantes deveria ser rápida, em lotes e a diferentes joalheiros.
- (D) o mesmo joalheiro deveria comprar, em lotes, todos os diamantes.

24. Selecciona a opção correta.

O aviso para «não inundar o mercado» tem em vista

- (A) evitar o aparecimento de prováveis ladrões de diamantes.
- (B) provocar a escavação intensiva de minas de diamantes.
- (C) evitar o rápido aparecimento de muitos diamantes à venda.
- (D) provocar a falência das joalharias e dos mercados.

25. Selecciona a opção correta.

Qual o conselho dado pelo autor da carta ao destinatário?

- (A) O destinatário deveria tornar-se vizinho do autor.
- (B) Quartelmar deveria repartir o lote com o irmão.
- (C) O destinatário deveria tornar-se rico e proprietário.
- (D) Quartelmar deveria enviar o filho para Yorkshire.

26. Selecciona a opção correta.

Na frase «extraiu ele próprio os chumbos» (último parágrafo), a quem se refere o pronome ele?

- (A) Ao filho do destinatário da carta.
- (B) A Henrique Curtis, emissor da carta.
- (C) A um médico de visita à propriedade.
- (D) A John, o elegante amigo comum.

Solução da prova

1. V; F; V; V; F
2. (D)
3. (A)
4. (A)
5. (A)
6. (B)
7. A) 3 ; B) 5 ; C) 4 ; D) 1 ; E) 7 ; F) 8 ; G) 6
8. B, E, D, A, F, C
9. A) é discutida a importância dos metais na evolução da sociedade.
B) viaja-se pela História, através da leitura e da observação de moedas.
C) aprende-se a conhecer o simbolismo que cada nota contém.
D) experimentam-se segredos, códigos e mecanismos dos cofres.
10. (A)
11. (B)
12. (C)
13. (B)
14. (A)
15. (A)
16. (A)
17. (A)
18. (C)
19. (D)
20. (B)
21. (A)
22. (B)
23. (B)
24. (C)
25. (A)
26. (A)